

A propósito da síntese da identidade na adolescência

FÁTIMA SEQUEIRA *

INTRODUÇÃO

Procurei aqui reunir e dar coerência a algumas reflexões que me têm ocorrido relativamente à síntese da Identidade na Adolescência, com ênfase particular na integração das partes infantis e adultas do *self*.

Retomarei, para começar, as palavras de E. Erickson. No seu livro «Identidade, Juventude e Crise», define Identidade como a representação que o Eu faz de si próprio, representação que é consciente apenas em circunstâncias excepcionais e que corresponde, normalmente, apenas a uma «sensação de bem-estar psicossocial que integra necessariamente um sentimento de «estar em casa» no próprio corpo, de saber para onde se vai e a certeza íntima do reconhecimento antecipado por parte dos outros que contam».

Aparentemente singela, esta fórmula revela, no entanto, a uma análise mais atenta, uma enorme complexidade:

– «Estar em casa no próprio corpo» implica o reconhecimento de um mundo interno próprio, não dominado pela Identificação projectiva evacuativa, logo suficientemente diferenciado; bem como um investimento narcísico do *self* (incluindo o *self* corporal), suficientemente estável para não depender em excesso do amor e aprovação dos outros significativos.

– «Saber para onde se vai» e poder ir, significa em primeiro lugar que se sabe e se aceita de onde se vem e exige um Eu suficientemente separado, forte, coeso e maleável no seu sistema defensivo, para poder lidar com a angústia e com os impulsos libidinais e agressivos do próprio, com as exigências do Supereu e propósitos do Ideal do Eu e ainda com a realidade exterior que inclui naturalmente os limites impostos pelos outros mas também exigências e formas específicas de «saber fazer».

– «A certeza íntima de reconhecimento dos outros» por seu lado, implica uma modalidade de relação objectal, não dominada nem por angústias persecutórias ou depressivas nem pelo triunfo maníaco megalómano. Exige um investimento objectal e narcísico em que «a certeza do reconhecimento dos outros» se alia à capacidade de reconhecer os outros na sua interioridade e diferença e logo ao poder de auto-observação e mentalização do próprio.

Consoante o seu grau de maturação e a natureza da relação que estabelece num determinado período, assim a criança se identifica com aspectos parciais das pessoas mais significativas e de quem mais directamente depende pelas suas necessidades emocionais e maturativas. As suas identificações com os pais, dizem respeito a capacidades parciais e aparências funcionais do corpo, muitas vezes supervalorizadas e mal compreendidas, mas que se ligam num plano mais profundo à relação fantasmática

* Licenciada em Psicologia.

da criança com os seus genitores. Estes movimentos identificatórios, facilmente observáveis nas brincadeiras infantis, são desencadeados não pela valorização social ou adequação dos atributos seleccionados, mas pela natureza das angústias e fantasias inconscientes da própria criança.

Dos objectos parciais, qualidades e funções introjectadas, muitas permanecem à periferia do *self* ou em zonas de confusão entre o *self* e os objectos e só, gradualmente e nem sempre, são integradas no *self* nuclear constituindo verdadeiras identificações introjectivas.

A Identidade final, não é o mero somatório das Identificações já realizadas. Se abrange todas as Identificações significativas, elas são também alteradas, enriquecidas, nuanceadas por sucessivas Identificações projectivas e introjectivas, cuja síntese mais ou menos harmónica se opera durante a adolescência, de forma a constituir um todo original, suficientemente integrado e coeso.

I

Esta síntese não se realiza, contudo, sem angústia, dúvidas e incertezas quanto às qualidades e capacidades do próprio (qualidade das Identificações) sem que o adolescente se ponha à prova, se interrogue e interroge a sua imagem nos outros, numa procura de reconhecimento ou transformação da imagem de si com que se identifica no momento.

A criança oscila entre a consciência das suas necessidades de dependência, de receber e de se submeter e a fantasia onipotente de não precisar de ninguém, consoante os conflitos e angústias inerentes a esta relação de dependência são mais ou menos toleráveis. Na puberdade, habitando subitamente um corpo amadurecido com que ainda se não pode identificar inteiramente, acentua-se esta oscilação interior, tanto mais angustiante quanto às novas potencialidades corresponde ainda uma imaturidade do *self* e estas dimensões podem ganhar o peso de uma realidade concreta e imutável.

São estas dúvidas e oscilações que Alice vive nas suas aventuras no *País das Maravilhas*:

— Levada pela sua curiosidade a seguir o coelho, Alice vê-se a cair até ao centro da terra, interior do corpo materno (mas também da sua pró-

pria identidade), povoado de todas as suas identificações projectivas e introjectivas. A curiosidade, o desejo de conhecer o belo jardim do interior materno levam-na a tomar os alimentos mágicos (não venenosos), que a tornam ora minúscula e impotente ora tão grande que já não cabe na estreita passagem para o magnífico jardim que entrevê... É a corrente das suas lágrimas que finalmente a arrasta e lhe permite conhecer não o jardim da relação idealizada do bebé com o seio mas um mundo habitado pelas mais bizarras criaturas, formadas e deformadas pela Identificação projectiva de partes do seu próprio *self* e dos seus objectos internos.

— Interessa-me aqui, sobretudo, acentuar o sentimento de confusão que Alice experimenta:

«Oh! Céus! Como tudo hoje é tão estranho! E ontem tudo parecia correr como habitualmente. Pergunto a mim própria se terei sido transformada durante a noite? Deixem-me ver: seria eu a mesma quando me levantei esta manhã? Quase penso poder lembrar-me de me sentir um pouco diferente. Mas se não sou a mesma, quem sou então eu neste mundo? Ah! Esse é o grande puzzle!» (p. 36). Confusão provocada pela oscilação de Alice entre a identificação a uma parte minúscula, infantil e frágil do seu *self* e a identificação a uma Alice fálica e onipotente que pode crescer tanto, tanto que deixe de haver uma casa capaz de a conter (isto é, a relação com a Imago parental em que se sente submetida e manipulada) e que já não tenha mais lições a receber:

«Era muito mais agradável em casa, pensou a pobre Alice, quando não estava sempre a ficar maior e a ficar mais pequena e a receber ordens de ratos e coelhos. (...) Quando for grande escrevo um livro sobre mim — mas agora já sou crescida, acrescentou num tom pesaroso; pelo menos não há aqui espaço para crescer mais. Mas então, pensou Alice, nunca ficarei mais velha do que sou agora? Será um conforto, de certo modo, nunca ser uma velha — mas depois — ter sempre lições a aprender! Oh, não havia de gostar disso!» (p. 54). São as angústias de separação e a culpabilidade por poder destruir o continente parental que remetem Alice a um tamanho mais realista, permitindo-lhe sair pela porta, em vez de rebentar com a casa.

Habitando um corpo recém-amadurecido e ainda não assumido como identidade, o púbere, como Alice, ora se sente a viver no corpo agora

idealizado da infância, destituído de todos os maus desejos e potencialidades sexuais, criança bem educada e bem intencionada submetida ao desejo parental ou acalentando um desejo regressivo de reunião diádica de que o conflito estivesse ausente; ora se vive num corpo excessivamente grande e sempre ameaçadoramente sexualizado, acalentando (nem sempre temporariamente) a fantasia de encontrar o alimento mágico (muitas vezes as drogas parecem realizar concretamente esta fantasia) que lhe permita crescer sem sofrimento e angústia, parar ou dar um salto no tempo.

Face à ameaça de difusão da Identidade pela Identificação projectiva de partes do *self* e dos objectos internos no interior do grupo e de outras relações sociais e à angústia claustrofóbica vivida no interior do habitáculo familiar sentido como excessivamente pequeno para conter todas as tensões e conflitos ampliados pelo crescimento, o adolescente oscila, muitas vezes até tarde, entre as Identificações infantis e as Identificações mais maduras do *self*.

Uma adolescente com quem fiz uma curta intervenção psicoterapêutica, por exemplo, apesar de ter já dezoito anos, guardava no seu quarto todos os brinquedos de criança de que não conseguia separar-se. Embora sendo bastante engraçada e harmoniosa e desejasse ser dançarina de jazz, não conseguia equilibrar a sua alimentação e achava-se excessivamente gorda, como um bebé (diria eu). Só quando, na realidade, decidi arrumar cuidadosamente no sótão da avó todos os seus brinquedos, renunciando às relações infantis que relegava para o sótão do recalçamento, é que pôde assumir o seu corpo de mulher sexualizado.

Esta oscilação, repercute-se também na escolha de uma profissão e está na origem de muitos avanços e recuos ou mudanças inesperadas. Numa outra adolescente, com dúvidas em relação às suas escolhas profissionais, a confusão entre partes adultas e infantis do seu *self* era aparente. Inicialmente, ela tinha escolhido o curso de Direito, mas depois de fazer o primeiro ano do curso, queria desistir e duvidava sobre o rumo a seguir, embora manifestasse um grande desejo de ser actriz de teatro. Durante a entrevista, tornou-se evidente de que modo, para ela, seguir o curso de Direito estava associado ao que imaginava ser o desejo dos pais — cursar Direito era então continuar a ser a menina direita, certinha, aplicada, sem vontade nem iden-

tidade própria. O teatro, ao contrário, surgia como um mundo excitante e sedutor, mas em que ela poderia correr o risco de se perder. Curiosamente, à pergunta sobre o que a interessava a ela no teatro, responde que «quando era criança e ia com os pais ao teatro, gostava muito de adormecer na cadeira».

Oscilava assim, entre o seu desejo de continuar menina a sonhar no meio dos pais e o seu desejo de procurar, através dos papéis que viesse a representar, os seus próprios papéis no interior do seu teatro interno, correndo, no entanto, o risco de se perder nessa procura, numa difusão de identidade em que a necessária procura de resolução dos conflitos internos, sendo permanentemente posta em cena no palco exterior, poderia não lhe permitir realizar a sua síntese pessoal integrativa.

II

Esta síntese pessoal, implica portanto uma separação e individuação suficientemente clara entre as representações do próprio e as representações dos objectos. É em relação às partes mais infantis e imaturas do *self*, em relação com partes dos objectos parentais correspondentes, e na medida em que as necessidades de dependência para um amadurecimento continuam a fazer-se sentir (a par com as necessidades próprias do *self* mais maduro) que as zonas de confusão entre o *self* e os objectos são mais acentuadas, pelo predomínio da Identificação projectiva evacuativa e pela angústia de separação, tornada intolerável pelo próprio sentimento de falha e incompletude do próprio.

Esta questão parece-me relevante na compreensão clínica de pacientes que nos surgem sem uma história para contar, vivendo-se de tal forma confundidos com os seus objectos que não têm existência própria e logo são incapazes de ter um discurso próprio.

Quer se vivam no interior de uma relação adesiva aos objectos, quer no interior de uma relação simbiótica, a exigência que nos põem na relação terapêutica é a de podermos discernir para lá do mutismo ou do discurso, os vectores emocionais da relação e as fantasias inconscientes vividas no aqui e agora da relação transferencial. Com estes pacientes, falar do passado ou das relações com os objectos parentais parece irrelevante até que a interpretação, devolvendo de forma mais tolerável as Iden-

tificações projectivas feitas sobre o terapeuta ou no exterior, permita criar um espaço continente com amplitude suficiente para que as dissociações do self nas suas múltiplas facetas mais infantis e mais maduras surjam numa relação com qualidades específicas (e não já confundidas) com os objectos internos correspondentes. Só então se torna possível pensar a qualidade destas relações enquanto corolário das experiências vividas no passado pelo sujeito.

Num primeiro tempo, contudo, a história que assim se vai constituindo tem uma tonalidade sobretudo reactiva, a complexidade das interacções parece reduzir-se a uma mera explicação de causa-efeito e os personagens do drama interno não têm ainda a profundidade de uma identidade própria, parecem limitar-se a existir uns em função dos outros, numa perpétua cadeia reactiva. São personagens planos, superficiais, como na banda desenhada, em que tudo é visto e definido de imediato e em que, portanto, o sujeito não se reconhece na profundidade dos seus conflitos e contradições e logo também não pode admitir no outro o espaço do desconhecido e da criatividade.

A relação de dependência infantil é assim claramente expressa, ainda que no discurso do adolescente seja abafada pelo toque às armas da autonomia e independência. O terapeuta corre então o risco de ser levado a assumir no concreto, na realidade, um partido, esquecendo que o seu campo de intervenção é o mundo interno do paciente e que é aí que a guerra tem que ser ganha num processo de amadurecimento que implica afinal, o reconhecimento das necessidades, quer de autonomia quer de dependência, indispensável para poder aceder a uma identidade em que as partes infantis e adultas possam coabitar de forma integrada.

Isto é particularmente difícil nos casos em que as relações infantis foram vividas predominantemente sob o signo do ódio, da inveja, da humilhação e do ressentimento. A possibilidade que o sujeito tem então de se identificar às partes infantis do seu *self*, acarreta a vivência da raiva sentida como única força possível e a vivência do amor como vulnerabilidade intolerável, o que o leva a defender-se pela identificação projectiva das partes infantis do seu *self*, assim contaminadas.

Citarei o exemplo de um doente adulto *border-line*, que logo no início da sua análise me revelou como se sentia dividido, recitando-me os versos de Humpty Dumpty de *Alice do outro lado do espelho*:

*«Humpty Dumpty estava encarrapitado no muro,
Humpty Dumpty deu um grande trambolhão.
Nem todos os cavalos do Rei,
Nem todos os seus soldados,
conseguiram juntá-lo todo outra vez».*

O que ele queria significar, na altura, era a força do seu desespero que lhe parecia exigir a força de um objecto onnipotente. Mas nem que me visse poderosa como o rei rodeado dos seus soldados, poderia esperar que eu o devolvesse inteiro ao alto do muro da sua arrogância, pois só o poderia levar a sentir fraco, dependente e necessitado. Assim, para evitar este sentimento, entre todos o mais intolerável, projectava sobre mim toda a sua própria fragilidade e impotência. Só quase dois anos depois se tornou evidente e tolerável na relação o resto da sua fantasia.

Como recordam, Humpty-Dumpty tem a forma de um ovo e está sentado sozinho no alto de um muro perigosamente estreito. Quando Alice o encontra, demonstra uma má educação arrogante e reage com desprezo à preocupação de Alice pela sua segurança. O que acontecia igualmente com o meu paciente é que se defendia pela arrogância e desprezo da sua enorme necessidade de compreensão e amor, negando a importância do afecto nas relações. Encarrapitado em cima do seu muro, sózinho, ele podia sentir-se o maior, o mais forte — ter o rei na barriga — mas, numa relação de intimidade, sentia-se exposto na sua fragilidade de bebé-ovo que se podia partir em mil pedaços, se não encontrasse a mãe-continente capaz de levar a gestação do ovo até ao fim do seu amadurecimento (continente materno, aqui inicialmente confundido com um continente superegótico persecutório).

É este continente, garante da coesão e integridade do *self*, que tem que se consolidar internamente durante a adolescência, pela identificação introjectiva no *self* das funções parentais, para que o sujeito se possa tornar pai e mãe de si próprio, isto é, assumir a responsabilidade do seu futuro amadurecimento, dando assim liberdade aos objectos para que possam ter uma existência e destino independentes.

Quando isto se passa, não só o sujeito se torna sujeito da sua história pessoal, podendo então falar dela, como também os pais são percebidos como tendo um passado e vicissitudes inerentes ao seu

próprio destino, de que o sujeito finalmente se pode libertar.

A separação do adolescente torna-se assim uma libertação recíproca: dá liberdade aos pais para que estes lhe possam dar a ele.

Nesta altura, a capacidade de pensar e digerir as suas próprias experiências emocionais deve estar suficientemente constituída e desintoxicada dos sentimentos infantis, para poder prosseguir com autonomia e sem necessidades reivindicativas compensatórias. Finalmente, a identidade do próprio construída no respeito e reconhecimento da identidade do outro.

BIBLIOGRAFIA

- CARROLL, L. (1865) — *Alice's Adventures in Wonderland*, Puffin Books, 1981.
(1872) — *Through the Looking Glass*, Puffin Books, 1981.
- DIAS, C. A. (1988) — *Para uma Psicanálise da Relação*, Porto, Ed. Afrontamento.
- ERICKSON, E. H. (1968) — *Identidade, Juventude e Crise*, Rio de Janeiro, Zahar Eds., 1972.
- ETCHEGOYEN, R. H. (1985) — «Las vicisitudes de la identificación», *Libro Anual de Psicoanálisis*, 1985, 219-233.

RESUMO

Implicando a síntese da Identidade na adolescência a identificação às funções parentais, sem exclusão das partes infantis do self que delas dependem, todo o processo identificatório é marcado por uma maior ou menor angústia persecutória e depressiva de acordo com a tonalidade emocional que mais fortemente imprimiu as relações de dependência infantil.

A criança oscila entre o reconhecer-se pequena e dependente e fantasias compensatórias de cariz arrogante e onnipotente. A puberdade, com o amadurecimento do corpo dessincronizado do amadurecimento psíquico, acentua esta oscilação. Pela identificação projectiva no grupo de iguais e noutras relações, o adolescente põe à prova a qualidade e consistência dos seus introjectos e oscila ainda entre angústias agorafóbicas pela ameaça de difusão de identidade e a angústia claustrofóbica de ficar para sempre prisioneiro do continente relacional familiar, sentido como demasiado estreito para a expansão da sua identidade.

Ilustrando esta oscilação com as Aventuras de Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll e algumas vinhetas clínicas, a autora procura ainda pôr em evidência a pertinência destes movimentos na compreensão de pacientes cujo self se encontra confundido com os objectos internos, ou nos casos em que a qualidade introjectada das relações infantis é tão intolerável que em vez de uma síntese harmoniosa, mantém, empobrecendo-se, uma exclusão das partes carenciadas e infantis do self.

RÉSUMÉ

La synthèse de l'identité à l'adolescence, suppose l'identification aux fonctions parentales sans exclusion des parties infantiles du self dans leur dépendance. Tout le processus d'identification est ainsi marqué par une angoisse persécutoire et dépressive, plus grande ou plus petite, selon la tonalité émotionnelle qui, avec plus de force, a imprimés les rapports de dépendance infantile.

L'enfant oscille entre se reconnaître petit et dépendant et des fantaisies compensatoires d'arrogance et onnipotence. La puberté, apportant la maturation du corps, désynchrone de la maturation psychique, renforce cette oscillation. Par l'identification projective dans le groupe et autres rapports, l'adolescent met à l'épreuve la qualité et consistance de ses introjects et oscille encore entre des angoisses agoraphobiques par la menace de diffusion de l'identité et l'angoisse claustrophobique de rester pour toujours prisonnier du contenant familial, devenu trop étroit pour l'expansion de son identité.

Les Aventures d'Alice dans le Pays des Merveilles de Lewis Carroll et quelques vignettes cliniques illustrent cette oscillation. L'auteur essaye encore de mettre en évidence l'importance de ces mouvements dans la compréhension de patients qui ont leur self confondu avec les objets internes ou dans les cas où la qualité introjectée des rapports infantiles est si intolérable que, au lieu d'une synthèse harmonieuse, maintiennent tout en s'appauvrissant, une exclusion des parties infantiles et en détresse du self.

ABSTRACT

The synthesis of identity during adolescence implies the identification to parental functions, without excluding the infantile parts of the self in their dependence. All the Identification process is this marked by a bigger or smaller persecutory and depressive anxiety, according

to the emotional tones, more strongly printing the relations of infantile dependency.

The child swings between recognising it self small and dependent and compensatory plantasis of arrogant and omnipotent character. During puberty, body maturing desynchroners of psychic maturing, stresses this swing. By projective identification in the peer group and other relations, the adolescent tests the quality and consistence of this introjects and still swings between agoraphobic anxieties, as he feels threatened by identity diffusion and claustrophobic anxieties in the fear of

romaining for ever a prisoner of the family container, felt too small for his identity expansion.

Illustrating this swing with Lewis Carroll's Alice's adventures in Wonderland and a few clinical vignettes, the author stresses also the importance of this movements in the understanding of patients, whose self remains confused with internal objects on in cases, where the introjected quality of infantile relation ships is so unbearable, that in place of an harmonious synthesis, they mantain an exclusion of the meedy and infantile parts of their self.